

Antroposofia da Imanência: para uma Educação Steineriana

Encontro QUATRO

Uma epígrafe

“Quando se trata de compreender uma individualidade livre, precisamos acolher em nossa mente os conceitos pelos quais ela mesma se expressa (sem a interferência de nossos conceitos). [Seres humanos] que sempre interferem com seus conceitos no julgamento dos outros, nunca chegarão à compreensão de uma individualidade. Assim como a individualidade livre se liberta das propriedades da espécie, também o discernimento precisa se libertar dos modelos genéricos.”

R.S. GA 4, p.164

Uma profecia

“... um tipo especial de antropologia nascerá e despertará um interesse pelo [ser humano] caso a Ciência Espiritual consiga, no círculo de seus estudiosos, passar da abstração a um enfoque concreto é cheio de vida.”

R.S. GA 168, p.15 (1916)

Uma antropologia

Steiner inverte em uma antropologia positiva

“... para Steiner, a bondade, ou a moralidade, não passa de uma perspectiva humana que equilibra precariamente o ponto de vista de alguém e o domínio sobre o fluxo da experiência com a acomodação por meio de uma mudança interior. Isso fica claro neste sentido e não como uma afirmação metafísica sobre a “essência”, que Steiner pode dizer que a natureza humana em seu sentido mais profundo é boa.”

(Welburn, Andrew. *A filosofia de R.S. e a crise do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Madras, 2005, p. 151)

Uma pergunta diária

“De que maneira podemos hoje compor com o pensamento de Rudolf Steiner, honrando seu anseio de liberdade e singularidade?”

(Nina)

“Quanto tempo a humanidade precisará? Quanta tristeza? Quanta injustiça? Quanta dor? Quanto desperdício? Para que comece a focar novamente diante do que à atravessa imediatamente?

Focar no acontecimento. Extrair do acontecimento uma memória de futuro sem a qual nós não esticamos o desejo, não intensificamos o desejo, não esticamos e intensificamos a vontade, não nos alongamos e permanecemos de modo tal que a liberdade seja uma coisa produzida, inventada e não dada.

Nós estamos indo rapidamente para essa posição de esgotamento porque nós desaprendemos o devir, nós desaprendemos o acontecimento, nós desaprendemos a criação, nós nos desencontramos das nossas próprias forças de criação.

Nós vivemos de uma maneira tal, separados do que podemos, que nós não acreditamos mais, ou, talvez, nunca tenhamos acreditado. Desde o nosso nascimento, uma vez que essa máquina já se apodera das crianças, ela já faz uma espécie de sequestro sobre as crianças, desde as famílias até as instituições escolares e afins, destituindo essas forças estranhas, mais interessantes e intensivas de uma contemplação experimental.

É como se isso estivesse fora de questão e precisassem ser rapidamente substituídas, essas forças, por formas de verdade.

Essas formas de verdade nos requalificariam, supondo-se, então, que nós temos, de alguma maneira, uma espécie de deficiência, uma espécie de falta inata, como uma espécie de pecado original, uma chaga original, uma insuficiência no existir que nos obrigaria a aderir a formas ideais.

Nós buscamos a esquerda ou a direita. Ideais. A gente pode ter uma forma na direita, uma forma na esquerda... eu adoto uma maneira que eu acredito ser a mais verdadeira e perco o essencial. Há sempre um modo intencional de desejar, que é o nosso engodo. Esse modo de desejar é que deveríamos vasculhar, fazer realmente a sua genealogia e perceber até que ponto não é esse mesmo olhar pulverizado que deseja através das supostas práticas revolucionárias, quando essas práticas querem distribuir o poder e investir na igualdade. Quando se trata, ao contrário, de destruir o poder, atacando a produção de miséria e de impotência.

Há, em contrapartida, uma educação da potência, que nós sabemos ser pensável e, sobretudo, praticável, exequível.

Nós podemos começar já, agora.

A liberdade não é algo como uma livre escolha. Não se trata de escolher esse ou aquele objeto.

A liberdade é uma questão de intensificar o próprio desejo, escapar à relação ‘sujeito-objeto’, não objetifica-lo.

A coexistência é o próprio devir revolucionário.”

(Texto de Luiz Fuganti)

Pontos e assuntos essenciais

“As verdades da Ciência Espiritual buscadas por nós não devem constituir um conhecimento morto e sim algo vivo e possível de relacionar-se com a vida em todos os pontos e assuntos essenciais. É natural, e até obvio, que hoje em dia se assimile a Ciência Espiritual de maneira muitas vezes bastante abstrata; esse modo de assimila-la pode conduzir a uma espécie de conhecimento irreal, pouco fecundo para a vida e capaz de provocar, em quem ainda não sabe muito a esse respeito, a seguinte indagação: “Para que me serve saber que o [ser humano] é constituído de um certo número de ‘corpos’, e que a humanidade evolui e evoluirá através de várias épocas culturais, etc?” Em tais indivíduos convictos da necessidade de se entrosarem inteiramente na vida prática a fim de obedecer às exigências do nosso tempo, a Ciência Espiritual causa frequentemente a impressão de algo estéril. E, realmente muitas vezes ela é praticada de modo estéril mesmo pelos que lhe dedicam alguma inclinação e compreensão.”

(Carências da alma em nossa época: Como superá-las? Steiner, GA 168, 1916, p.7)

Um pensamento antídoto

“Da capacidade de acolher o destino de nossa época nasce uma força que vem ao meu encontro e me afeta. Estabelece-se uma conexão entre o que se passa em mim e o que flui para o meu íntimo. Eu aceito meu destino e me torno uno com ele.”

(O que é ser Contemporâneo? Cristine Gruwez, p. 81)

Referência Bibliográfica

Welburn, A. J. **A Filosofia de Rudolf Steiner: e a crise do pensamento contemporâneo.** Trad. Elaine Alves Trindade. Madras – São Paulo, 2005.